

Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telf. 5 CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de Correio para PAÇO DE SOUSA

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA

126 ELOS RAPAZES ANO X * N.º 252 * PREÇO 1500

Os Direitos da Criança

Com a presença de três sacerdotes aqui em Paço de Sousa, tem aumentado a piedade à vista do rapaz abandonado, que nos vem contar a sua história e pedir para ficar. Estes sacerdotes não estão afeitos. Nunca viram tal. Estremecem. Vêm ter comigo tomando por certo o meu *Sim* e desconfiam da minha bondade ao dizer-lhes que não. Diante da intangibilidade, tomam por lenitivo cortar-lhes o cabelo, dar um banho, vestir roupa, pedir dinheiro ao Avelino, conduzi-los pela mão à estação de Cete, comprar lhes passagem e munir os do preciso para o caminho. Na hora em que escrevo, acaba de chegar um destes sacerdotes, o padre Manuel Almeida, de Coimbra. Trazia os olhos rasos por ter visto lágrimas nos olhos do que fora levar ao comboio.

Antes da presença destes sacerdotes, vinham. Durante a sua estada, vêm. —E quando cada um se retirar para a sua diocese, continuam.

Além deles, vem a carta. Se alguém se quiser dar ao trabalho, pode vir aqui à hora do correio e notar que um grande volume de correspondência trata de casos dilacerantes.

Durante os meses de férias, aumenta o número de cartas, algumas com papel umedecido... É gente boa das cidades, que se dirige às províncias e ali topam o que nunca esperavam! E aí vêm as cartas. Mais durante as férias, sim, mas lotes delas no ano. São juizes. São sacerdotes. São indivíduos Câmaras Juntas. Grémios. Outros organismos. É o visinho que sabe dos maus tratos. É a madrastra que não quer o estranho. São as meretrizes que não podem ter o filho. É a mulher enganada! Gostaria sim de ter aqui presente alguém que merecesse saber e pudesse remediar. Que fazemos nós a estes depoimentos? Nada. Nós não fazemos nada. Sentimos a grandeza de uma obra a quem tanta gente acode e sentimos o amargo de nada poder. E por aqui nos ficamos. Não damos resposta a ninguém. Os senhores fiquem sabendo deste nosso procedimento e queiram nos perdoar.

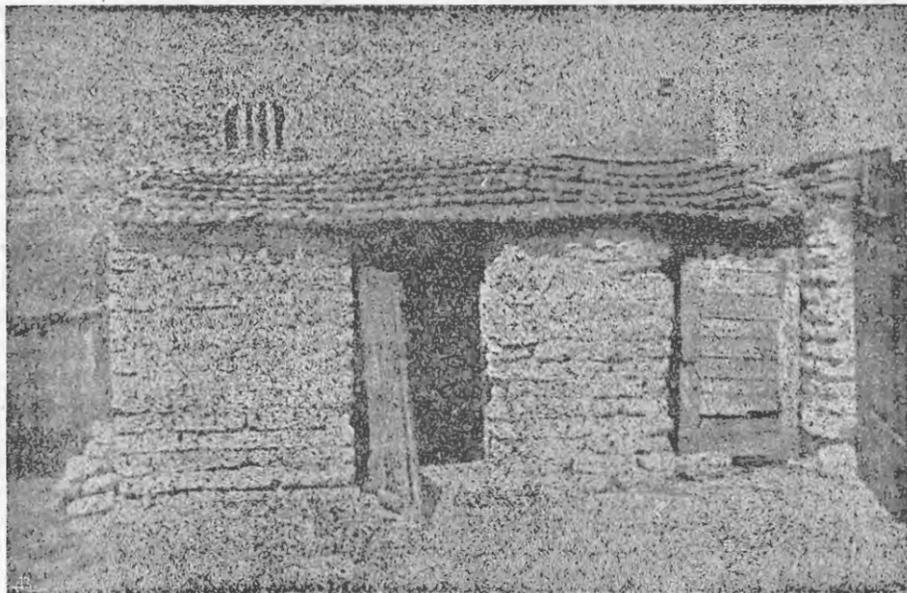
A carta sem resposta, faz doer, sim, mas a presença do próprio, é muito mais que dor. É o desânimo. É a vontade de fugir. É o ma sinar uma obra criada para dizer que sim e mandar embora os que racionalmente nos perguntam. Por isso os sacerdotes de quem acima se fala, por muitas vezes duvidaram da minha bondade.

O fundador dos chamados Lares do Doutor Bernardo, na Inglaterra, deixou por testamento que nunca recusassem o rapaz abandonado; e sabemos que esta letra é tão viva como naquele tempo e cumpre. Porque? Porque a organização conta os seus lares por centenas e nós temos três; um no Porto, um em Lisboa, um em Coimbra.

Às vezes acontece ficar nas imediações o rapaz que nos procura. Ateima. Mete-se. Vai até aos do campo e trabalha. Eu finjo que não, mas vejo e sinto. À noite, pergunto qual dos presentes se quer ir embora para dar lugar ao teimoso; e que levante a mão. Ninguém! Há dias, um que nós cá temos, sabendo que seu irmão estava fora da porta, disse com simplicidade que gostaria vê-lo entrar, mas não lhe dava a sua vez. Isto é caridade. Não é dureza. Nem nós faltamos à Justiça por não abrir as portas ao que quer entrar. Alguém lhe deve. A nossa Obra não. Somos hoje quatrocentos e onze em seis comunidades. Qual quer das casas encontra-se super-

(Continua na quarta página)

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Como este, quantos! Quantos currais por aí fora! O espaço é de 1,6 de largura por 4,5 de comprimento. Uma enxerga era o leito da família—mãe e sete filhos, dos 18 para baixo. Era assim...

Chegou o dia de fazermos o primeiro requerimento ao Director da Fazenda para ele, de acordo com o engenheiro Director da Junta Autónoma das Estradas, nos ceder uma parcela de terreno abandonado, por rectificação de estradas. Distrito de Coimbra. Freguesia de S. Martinho do Bispo. Lugar de Casais. Neste momento, não podemos dizer que sorte teve a petição, mas ninguém põe em dúvida o *Sim*. Vivemos em paz. Somos um povo bem governado. Os valores são apreciados. A Causa dos Pobres, bem conduzida. Mais. O interesse de um Director Geral da Fazenda é justamente ver e saber o seu País bem afazendado. Ora um aproveitamento desta natureza, é riqueza nacional. Vamos ter o *Sim*. Ninguém duvide.

A esta primeira casa do Património no local supracitado, sigam-se outras noutros locais.

Seguam-se muitas. Não devemos esperar nem convém que seja o Estado a botar a mão a tudo



...Hoje não. Alguém do Porto, em férias naquela terra, mediu, comoveu-se e fez o sinal da Cruz. Aqui temos a família à porta da sua casa: uma sala, uma pequena cozinha, dois quartos, um pequeno quarto de banho com lavatório, chuveiro e W. C. Já há árvores com plantas, canteiros com arbustos e vasos plantados. E com muita alegria que lhe conto isto.

É também com muita alegria que nós ficamos a saber. Mais uma família com possibilidades e ambiente de vida cristã. O antigo curral deve regressar à posse das opelhas. As coisas no seu lugar, produzem a ordem. Desta sai a paz. Pode haver muita gente em Portugal que tenha feito e gozado suas férias; como Este,—ninguém. Nenhum.

e a todos. O Estado dilui. Tira o amor às coisas. É um senhor indeterminado. Sejamos nós. De norte a sul, não faltam curvas de estradas. Não faltam pobres sem casa. Hortas são mui precisas. Árvores e flores dão beleza. Vamos levantar as mãos, dar graças ao Pai Celeste por estas simples inspirações; e levantemos moradias para indigentes.

* * *

É interessante saber como existem párcos de terras mui pobres, Beiras e Trás-os-Montes, desejosos de retirar do meio de pedras soltas os seus paroquianos! As suas cartas fazem bem à alma da gente! Os seus projectos, seus propósitos, seu calor, dizem de uma identificação com o viver dos pobres! Eles querem remediar e nós respondemos—Presente!

Esteve aqui ontem o pároco de Ovar, que eu não conhecia. Um homem que se mete a caminho, vencendo distâncias e trabalhos, é garantia de que está disposto a muito; e vai erguer casas.

Encontrou-se aqui com outro sacerdote, também pároco, um apaixonado que tem feito apaixonantes; e deste fervor, além de um número de casas já habitadas, vai ser por estes dias aberto e ocupado um pequenino hospital vicentino, para as necessidades da sua freguesia! Que formosos caminhos!

Eles vêm cá ter. Tudo vem aqui dar. Esta secção da Obra da Rua tornou-se uma agência de negócios do Pobre, capital ilimitado; quanto mais casas entregues, mais dinheiro entregue!

*

Mais quatro casas com seus nomes, ao pé da igreja de Parada de Todeia, há muito construídas

(Continua na quarta página)

O NOSSO JORNAL

Vai dentro do número de hoje uma circular, obra do Júlio e do Avelino, que muito se doem pelos interesses da nossa Casa.

Eu acompanho-os. Faço minhas todas e cada uma das suas palavras.

Aos assinantes que já temos na América do Norte, do Centro e do Sul, pedimos a sua atenção. Cada um faça mais um. Mandem-nos listas cheias. Não há preços; acoitamos o que nos quiserem dar.

Aos do Congo Belga e África Equatorial Francesa, dizemos e esperamos a mesma coisa.

Aos da Ásia. Aos que vivem na Europa, fora dos nossos muros; a todos quantos sentem e sabem a língua de Camões: cada um faça um.

Por mais nossos, um pedido mais íntimo à multidão dos que vivem no nosso ultramar. São nossos. O problema dos nossos pobres é deles. A distância, neste caso aproxima. Cada um faça um. Mandem-nos listas inteiras e na volta vai o jornal.

E finalmente os visinhos. Os do Norte, Centro e Sul. Estes são de casa, sentem o bafo dos nossos gemidos. Conhecem-nos. Deles esperamos listas cheias e muitas delas.

É o Júlio e o Avelino. Não abandonemos os da nossa carne. Se eles chamam, acuda-se para que não o façam em vão. Espero.

como
to é um.
is que cá
s. Vamos
o recado.
a venda
ve a cho-
endi nas
s. Fui na
ade Por-
pois en-
a lá em
ois que-
mo eu já
seguida
l. Como
ão!

o do Sul
z do Pai

e houver
as livros

RTO

jornais,
jornais
também
200 jor-
li todos

o pouco,
s. Pévoa

nao por
tugueses

ostar do

am para

is e nin-

teve que

bras dos
prpar o
erguntas.
Ho-dia!...

s restau-
der! Só
migo.

rela é o
rque tem

PAGAIO
DO
SOUSA



MÁQUINA DE COSTURA

Ontem estava trabalhando, quando um rapaz entra sem pedir licença, introduzindo ao mesmo tempo alguém. Eles estão assim afeitados. Não há distâncias nem licenças. Estamos em nossa casa. O apresentado é um surdo-mudo. alfaiate de profissão. Mora numa freguesia de perto. Esteve em pequeno nos Surdo-Mudos do Porto onde fez alguns progressos, ao que parece, mas não recuperou totalmente. Esboça. Não fala.

Ali rentinho a mim, puxa por esta carta da algibeira:

«Senhor Padre Américo; como vê, sou surdo-mudo infelizmente, não posso dizer nada por boca, tem de ser por escrito; pois é o meu maior desgosto.

Senhor Padre Américo, vivo numa situação muito triste; sou alfaiate muito pobre e sei trabalhar; mas infelizmente não tenho máquina; era solteiro andava por fora a trabalhar. Casei-me há cinco anos; tenho tido sempre máquina alugada; mas nem todos querem alugar. Já tive uma a dar 60 e 40 de casa, eram 100 no mês. Depois não podia; arranjei uma e estava a dar 25\$00 e 52\$50 de casa ao fim do mês era 77\$50; mas agora infelizmente a dona da máquina recusou dela, levou a e eu agora não tenho onde trabalhar; onde ganhe um

tostão. Vivo muito desanimado sem ter a ferramenta para ganhar o pão. Um homem do Porto dá-me 3 dias por semana a 12\$50 por dia, gasto 9\$60 para combóio. O Senhor Padre Américo faz o favor de ver o que hei-de fazer com o resto que fico. Eu tenho muita pena de ser surdo-mudo; porque se assim não fosse, eu ia por aí abaixo e arranjaría serviço, mas eu infelizmente não falo; o povo não me compreende, mas paciência, a vontade de Deus seja feita.

O povo diz-me para eu fazer umas calças ou qualquer peça de roupa e eu não posso fazer sem máquina. Tenho mulher e filho para manter e já me morreu uma filha de repente com 2 anos e meio e também fiquei muito empenhado; mas com Deus fui pagando. Agora com a falta de máquina também já estou empenhado e sempre a passar mal; não tenho que vestir, é esta roupa a minha melhor porque as rendas eram grandes. Hoje já pago menos de casa porque mudei; vivo tão desanimado que pensei ir dar uma volta a ver se arranjava para comprar uma máquina para ganhar o meu pão. Pedia ao Senhor Padre Américo, se por as alminhas, me podia dar uma esmola para a máquina e se me poderia dar serviço até ver se eu a podia comprar, muito lhe agradecia. Sei ler e escrever e trabalhar. Faz o favor de perguntar ao Senhor Emídio alfaiate, que trabalha aí, pedia-lhe por favor que se não esquecesse de mim. É muita pena não ter com que trabalhar. Faz o favor de dar resposta por escrito que por boca não compreendo.»

Foi um destes dias de Outono em que o sol deslumbra e convinda, até nas cinturas de miséria. No Barredó era assim. O sol chamava. Das ruas tortas e sujas, aquela hora meiga, dir se ia uma Estância. Os incuráveis tinham descido e era vê-los por toda a parte, sentados em cadeiras hirtas, delas de ioná, caixotes vazios, outros aninhados nas pedras; todos sob os raios do sol e olhar compassivo dos vizinhos. Estância!

Não sei de povo mais unido. Mal assoma o visitante de pobres aí vêm os simpatisantes. Em regra são mulheres. O coração da mulher é outro!

É a quem larga o seu negócio. Se carrejona, deixa o cesto. Se peixeira, a canastra. Se tendeira, a tenda. Tão malcriada, tão invejosa, tão mordida de defeitos; naquela hora a mulher é outra. Toma-me por um braço como se fossemos velhos conhecidos, chama-me pelo meu nome e vai dizendo enquanto me conduz à mansarda: aquilo é uma desgraça. Talvez a dela seja maior, mas a mulher do Barredó esquece-se disso. É o outro. É o doente. Venha ali por amor de Deus. E eu vou lá por amor de Deus.

A de Cima do Muro tem levado anos a consumir-se. Estive lá ontem. Que figura! Teve filhos. Tinha-os ali ao pé. *Morro de fome*, diz. Não pode engulir. Um nadinha mais abaixo, nos Arcos, está um homem assim. Não é hipóbole dizer que a pele lhe cobre os ossos! Seria hediondo, se não fosse a alma. E' por ela, pela alma, que eu vou. Por ela, me chamam. Por ela, choras tu. Por aquela alma, padeceu e morreu o Redentor!

O que mais me custa é entrar na casa daqueles que esperam a voz dos Sanatórios aonde os documentos são. Tanto, que não tenha coragem de entrar. Doi-me. Se fosse para dar boas notícias, voava. Assim quedo e sofro.

Era para estes casos que desejaria possuir o remédio. Sei de um médico que, um dia, comovido, abandona a sua clínica e seus clientes. Instala-se pobremente e atende os seus incuráveis. A princípio era morrão; depois tornou-se luz. E este médico recebe todos sem lhes perguntar o nome: credos, castas, cores. Ladrões, assassinos. Bons Maus. Tudo. Todos procuram beijar a mão e até a sombra, como faziam outrora, os soldados da Crimeia, à sua Enfermeira, F. Nightingale. Isto é na Índia.

O Governo inglês, naquele tempo, patrocinava. Hoje, quem lá manda, faz necessariamente o mesmo. A Caridade é uma força; e que força!

Senhor! que está nas boas disposições de nos dar uma quinta, não espere mais tempo. Amanhã é tarde. Agora.

Ao centro, Instalação de Serviços e Residência do pessoal. Ao largo, disseminadas, casas airosas e bem calafetadas, acnde vivam

os Doridos. Muitos deles poderão olhar pelas flores e até fazer a sua cozinha com géneros distribuídos. O incurável, necessita sobretudo destes remédios. Estamos à espera da hora, sim, e prevenidos de fundos. E' espantoso. Faz agora um ano, que se abriu com um milhão a conta do Património dos Pobres, no Banco Espírito Santo. Desde aquela data, quantas casas não construímos nós, por nossa conta e risco, e quantas casas não temos nós ajudado a construir por esse Portugal além,—quantas! Pois bem. Em vez de diminuída, aquela soma inicial acha-se escandalosamente aumentada! Fazemos todos aqui um acto de Fé. Digamos—Senhor; nós somos homens da terra, ignorantes, insuficientes, fracos, cheios de misérias e sujeitos ao Vosso terrível juízo, para sermos, a seguir, homens da Eternidade! Nós acreditamos nas obras invisíveis das Vossas Mãos, sim, acreditamos,—mas aumentai a nossa fé—*adauge Domine!*

E a lama fez-se luz

Foi naquele sábado. O primeiro do mês do Outubro. Eu estava paramentado, quando o sacristão me diz *já estão todos*. Começa a missa; a missa dos vicentinos. Já aqui se disse, mas tornamos a fazê-lo.

Esta hora dos vicentinos saiu deles, num dia em que lhes ouvi *nós temos de fazer alguma coisa pelos nossos pobres*. O cuidado de uma visita semanal, cada um ao seu, não basta; eles querem mais e melhor e resolveram o primeiro sábado de cada mês para a missa e comunhão. E tavam todos, sim, no arco da capela. Amanhã, cada um com sua saca, vão direitinhos a casa dos seus amigos. Não é nada fácil explicar o que me vai na alma quando do altar olho e vejo os ontem da rua. Eu não lembrei. Não ensinei. Foram eles. Nasceu dentro deles—*temos de fazer alguma coisa*. E a lama fez-se luz!

Anda o nome de um sujeito ligado à obra do Património dos Pobres. Nós assinamos o *Recorte* e eu vejo na Imprensa o delírio da entrega de casas, aonde aparece o nome do tal. Ora não é assim. A ideia inicial foi destes nossos vicentinos. Entre eles, um, sobretudo, por tal forma se enamorou do seu pobre, que não passava uma visita sem o visitante vir ter comigo, expor a necessidade de lhe mandar fazer uma casa.

Isto todas as semanas, com redobrado fervor. Talvez houvesse sido naquela hora da missa, que a fonte rebentou...! Eles, estes nossos vicentinos, que *querem fazer alguma coisa pelos seus pobres*, talvez, digo, rezando todos juntos na capela; tivessem começado a Obra que hoje assombra e confunde. E a lama fez-se luz!

Tivemos aqui ultimamente um irmão do Padre Adriano, o Francisco, padre Espiritual do Seminário da Figueira. Iniciou e levou ao fim uma semana de pregação. Ele brincou ao Divino! A graça apalrava-se! Na missa final, alguns dos mais pequeninos, bandejas de prata na mão vão pelos circunstâncias recolher, por escrito, afectos e resoluções. Os documentos, entregues ao mesmo tempo que a matéria do sacrificio, também são matéria do sacrificio, e ficaram sobre o altar. A força interior de duas centenas de almas! Fluxo e refluxo. Bem e Mal. Vício e a Virtude. Lama e Luz. E esta saiu daquela!

Eu tenho que é o amor! Há dias, um dos nossos, porque a família não fez caso, lava e veste e coloca sobre a enxerga um morto que foi seu pobre! E fica ali horas e horas até que a Igreja o foi buscar! Cheio de simplicidade e grandeza, este lixo rasga as trevas; e porque amam, fazem luz!

Eu tenho que é o amor! Ontem apareceu aqui um rapaz. Era noite. Ficou para dormir. Ao deitar-se, o chefe nota os pés sujos e diz *vai-te lavar*. Ao pé, estava o Ramada. O meu sacristão.

O meu actual sacristão é o Alberto Ramada. Interessa-se. Faz perguntas. Tudo quanto seja do altar, impressiona a alma deste rapaz. Mal o chefe acabava de dizer, Ramada ajoelha-se, pega em sabão e lava os pés ao dos caminhos! Ajoelha-se!!! O pequenino Ramada; o pequenino Samaritano da Casa do Gaiato! Sim. Eu tenho que é o amor! E este amor que faz de Lama Luz.

Tudo ali é branco. Tudo são linhas. Nada escondido. A figura do surdo-mudo também. Os seus olhos dão para a alma. Deve ser um homem de oração. Tem uma irmã também surda muda. Do homem à besta vai pouco e destes tem ela gerado! Um deles é hoje da Casa do Gaiato. Que-ro amá-lo.

Desço. Mando chamar o mestre de alfaiates. M. stro lhe a carta. Eles são colegas e amigos. Tínhamos três máquinas na oficina. Bem conversadas as coisas, chegou-se à conclusão de que podíamos dispensar uma. Eramos ali os três. Mestre alfaiate, por sinais, comunica a resolução. Surdo-mudo, a princípio, não entende bem. Se entende não acredita, e agradece o empréstimo. Mestre alfaiate esclarece e confirma o dom total. A máquina toda, de graça e para sempre.

Eram dez horas, numa curva da avenida da aldeia dos gaiatos. Os olhos do interessado começam a encher-se. Tudo nele transborda. Tudo é excesso. O seu pão. Os seus filhos. Sua casa. A vida. E tudo isto é uma peça de ferro em segunda mão!

Horas depois, chega a sua esposa para conduzir. Trax os olhos humedecidos. Desde que o soube não mais deixou de chorar, como declarou aos presentes!

E quis Deus escolher a nossa casa! Dar por testemunhas de vista, muitas dezenas de rapazes e de ouvidos, um mundo! Produziu lágrimas, que são o sangue da alma. Invadiu um lar de uma família pobre. Revelou-se. E finalmente deixa lugar para uma máquina na nossa oficina de alfaiate. Não sabemos quando, de onde, quem; não sabemos. Mas não tarda. Assim como nós experimentamos o inefável, dando a máquina de costura, assim também quem vier a dá-la, terá iguais sentimentos. Até breve.

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.



Aqui, LISBOA!

Grande libertação é não possuir!
O mundo não diz assim — e guerra e mata e mente e odeia, para satisfazer o instinto da posse.

Este instinto, porque Deus o gravou no coração do homem é bom de si mesmo. O mal vem de que o homem não usa dele, mas abusa e daí torna-se escravo dos bens que a traça roi e o caruncho danifica. Daí tornar-se presa dum embriaguês que o impede de ver a Justiça ou lhe rouba a coragem de fazê-lo. Daí a posse por poucos do muito que devia ser possuído aos poucos por todos. É o nosso molenga achar bem o erro.

A Igreja não. Essa defende sem desfalecimento o direito de todos os homens ao pão de cada dia e aquela propriedade que lhe garante a vida de nível humano e uma velhice tranquila. E quer que essa posse exista com tal desapeço, tal espírito de pobreza, que seja ela penhor de Paz, Justiça e Amor entre os homens.

Neste mundozinho em que vivemos ainda não é assim. E tanto não é que devendo ser bom possuir (pouco embora...), melhor é ter nada de nada.

O caso é de alguns. Um homem trabalhava na territa que seu Pai fazia de renda. Sempre assim fora. E fora assim que aos trinta e tantos anos amealhara quase 8 contos com os quais comprou uma casita e um

quintal, trabalhando depois com o suor do seu rosto e o da esposa então recebida.

Nasceram filhos daqueles livres anos de vida feliz.

Um dia a má sorte espreitou e uma máquina ceifou-lhe um pé.

Houve de dar baixa ao hospital. Mas quê... ele era proprietário, tinha uma casinha e um quintal comprados por trinta anos de sol a sol que valiam 8 contos. Portanto tinha de fazer operação e o mais.

A casita e seu quintal estão já empenhados por 11 contos.

Os filhos comem quando há. Ele tem dois braços, mas falta-lhe um pé; tem 40 anos; tem uma vida para viver; tem uma casita e seu quintal, que lhe levaram 30 anos a comprar por 8 contos; e tem fome de pão e de Justiça.

Dentro de dias vai ter um pé artificial. Esperamos que se readapte ao trabalho. Há-de resgatar a sua casa. Será sempre pobre mas não miserável, como o mundo ia deixando fazer. Não há-de maldizer a sua enxada que em trinta anos lhe deu uma casita e um quintal. Antes continuará a amá-la e a servir-se dela, para ele e nós termos pão. Não há-de mais temer o risco de ser proprietário, porque irá ter esperança em alguém que possa e se levante e não deixe mais que todo o homem cuja riqueza é o braço, seja convidado primeiro à degradação e à miséria, para ser ajudado como pobre que antes era e agora já nem é. Não descreverá porque vai saber que de futuro vale mais ter uma casita e um passado de trabalho, do que viver numa turna e ser mandrião.

Eu sei que de futuro vai ser assim. Tenho a certeza que nunca mais hão-de sugar o sangue ao cidadão honrado e útil dum País, para lhe deixar uma vida que tem menos de vida que de morte.

Tenho a certeza. Porque se não tivesse... eu não sabia mais o que dizer àquele homem, eu fugia dele; tinha vergonha e tinha medo dele; tinha vergonha e medo de Deus.

C. G.



Aqui Lisboa. É na Casa do Gaiato do Tojal. Eles. A bicicleta. A mala de mão. Caras alegres. Almas em formação. Isto é a Casa do Gaiato.

Do que nós necessitamos

Se ainda há quem duvide e queira pedir um sinal, aqui o tem. Com ele pode aferir. Se está de boa fé não é preciso mais nada; não é da mão dos homens a *Obra da Rua*.

Sim, Maria Luiza; recebemos os angolares periodicamente e cumprimos. Igualmente por alma de Margarida de Oliveira. E todos quantos se nos dirigem neste sentido, são religiosamente servidos. Mais 50\$ de uma tripeira, por uma promessa. Mais 20\$ de Ermezinde. Mais 100\$ de Coimbra. Mais uma migalha para o Barredo, de uma vizinha do Marão. Que vamos nós aqui dizer? Como apreciar adequadamente as remessas da Província de Moçambique, — como? Por navios, pelos C. T. T., por mão própria! De todos os distritos e povoações! Abriam-se as veias

quando por ali passamos e o sangue ainda corre! São roupas usadas. Oh riqueza! Dos que tomaram o compromisso para com a Viúva dos oito filhos, ainda nenhum falhou; no próximo Abril termina. Melhor; novos termos. Diremos a seu tempo. Mais 100\$ de Gândola, Moçambique. Mais outro tanto de Maria dos Anjos. Ainda outro tanto de Maria José, de Coimbra. A Cândida Galhardo manda metade e pede que Deus dê pão a todos. Que oração tão formosa! Não pede para ela; para todos. A seguir, reclama muito preciso do perdão de Deus. Aqui há lume; há equilíbrio. Trata-se de alguém ligado a Deus e religado ao Próximo; os dois amores fazem o religioso. Mais 200\$ de Aveiro de uma promessa. Mais 50\$ de Vizela. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 25\$ de Torres Vedras. Mais 100\$ de Oliveira de Azemeis. Sim senhor recebemos do casal muito unido e muito amigo. Se verdadeiramente unidos, têm necessariamente de ser amigos. Se apenas juntos, não. A carne não faz amigos. Nunca fez. Nunca há-de fazer. Como, se ela, a Carne, é o primeiro inimigo da alma! Mais de Lisboa um cheque de 500\$ de *Os Companheiros da Alegria*. Mais 60\$ que são o primeiro abono da minha terceira filha. Mais 500\$ do Porto. Mais outro tanto do seminário de Leiria. Mais 100\$ de Lisboa. Mais metade do Porto. Mais 150 de mãe e filho. Mais do Porto e o grupo *Os Moralistas do Porto*, — 245\$ retirados do seu mealheiro. Mais de Canaveses uma migalha. Mais de Coimbra 20\$ — *Duas gotas de tinta com que quero escrever Obra da Rua*. Mais 100\$ de *Uma Mãe*. A carta diz sempre que leio o *Gaiato choro*. Também eu! Mais de Quelimane três alianças de ouro. Mais 50\$ de Maria Manuela, de Lourenço Marques. Outro tanto de outra Maria da mesma terra.

(Continua na quarta página)



Aqui também é Lisboa. É na Curraleira. Assim os tomamos nós. Nem sol, nem pão, nem sorrisos. A Casa do Tojal transbordada. O Lar de Lisboa na mesma. Eles ali estão. Isto quer dizer que todos somos poucos para acudir a tantos.

UMA NOTÍCIA

Nunca pedi nada de mãos erguidas, senão estes dois neo sacerdotes que hora temos, até que venham mais *padres da rua*. Um deles é do senhor Bispo de Coimbra. Outro é do senhor Bispo do Porto. Ambos são da Igreja. Paço de Sousa é a casa aonde eles são mais precisos (44 rapazes no Lar do Porto, cheios de curiosidade e de perigos; 170 rapazes aqui, todos da Rua). E em Paço de Sousa é que ficaram.

UMA CARTA

«Uma humilde paroquiana anónima envia a V. Rev.^a essa pequenina quantia de 6.000 escudos para a ajuda das telhas da nossa residência paroquial; oxalá Deus toque nos corações de muitos para contribuirem com os seus pequenos óbulos para esta obra que eu acho tão justa. Mais uma vez a humilde anónima.»

Este dinheiro é destinado ao P.^e José Ribeirinho Machado, actual pároco de Fontelas, que anda empenhado em construir a residência paroquial tendo, para tanto, começado a fazer casas para os seus Pobres. Seguiu o bom caminho. Escolheu a melhor parte. O resto lhe virá por acréscimo. A humilde anónima fez de mim canal; a pequenina quantia já chegou ao seu destino.

Todos os párocos de todas as freguesias do País, devem ir a Fontelas. É pelo Pobre que se começa. A renovação interior dos paroquianos, o aumento de fé, a pureza de costumes, o bom entendimento, a suficiência; até os

grandes escândalos para os quais só a oração e a penitência. Até estes. Tudo se cura e remedeia com a devoção de bem servir.

Um nadinha acima de Fontelas é Fontelo de S. Domingos. É o P.^e Duarte Feliz Bispo! Feliz povo! Ora leiam esta pontinha de uma carta:

«Vou recebendo umas esmolas mas tudo se consome em medicamentos. Os doentes são os que mais gastam, mas eu juízo que eles são os que mais precisam, pois são os que menos têm, pois até de saúde são Pobres. A farmácia e médico mais próximo ficam a cinco quilómetros!

Já há muito que é meu desejo fundar uma espécie de posto de socorros, onde se fizessem curativos e onde o médico viesse uma ou duas vezes por mês. Parece que é chegada a ocasião, mas quero também que o Pai Américo me ajude nisto. Eu cá fico à espera e confiante.»

E não esperou em vão...!

OUTRA CARTA

«Casámos sábado às 11 horas. O nosso ninho, está incompletíssimo. Queremos que não lhe falte a lembrança dos outros.

É pouco é verdade. É contudo tirado do que faz falta. Será talvez esse o seu único valor.

Deus lhe dê forças e vida, para continuar o Evangelho vivo, mais pelo acto, que pela palavra.»

É de Lisboa. Assinam os dois. Mandam 50\$00.

Paraphraseando, eu digo Deus vos dê forças e vida, para continuar o Evangelho vivo, mais pelo acto, que pela palavra. Pois que, na verdade, aonde doutrina mais alta do que a lembrança dos outros em um grande dia nosso? E se essa lembrança vem a ser tirada do que faz falta, qual a sua potencial.

Aqui de onde me encontro, de joelhos, quero beijar as mãos dos Noivos, ora casados. Assim como principiam, não de necessariamente continuar pela vida fora a dar testemunho de Cristo Jesus, nosso Amigo e Redentor. É já obra da Graça o salutar desejo de completar o ninho com a lembrança do que falta aos outros. Ora o que Deus começa também continua.

(CONTINUADO DA 3.ª PÁGINA)

Mais o vale 94.832. Mais 300\$ de Lisboa. Mais esta carta:

«Eu estou empregada, mas eles são o produto total e imediato de uns negóciozitos por fora, para os meus alfinetes, já que o ordenado é necessário para ajudar a manter a casa. Destinava-os, com mais alguma coisa que fosse ganhando, à compra de um conjunto de camisola de malha para mim. Foi a leitura do «Gaiato» que me fez mudar de ideias.

O casaco e camisola não-de vir, pela graça de Deus, embora não tão depressa como a minha vaidade desejaria. Mas não é nada de que eu tenha uma necessidade urgente.

Do que eu tenho necessidade urgente é de oração»

Mais outra carta:

«Eu, uma pobre pecadora que só tenho tido desgostos na vida e que com 64 anos ainda ando a servir e sei dar o valor devido à pobreza, envio mais esta pequenina oferta que em ler O «Gaiato» tanto choro. Sou uma mãe muito infeliz que pede perdão a Deus de o ter ofendido tanto. Ajude-me no que puder». Mais 111\$40 de Lisboa. A carta diz assim:

«Sou aluno da 4.ª classe da Escola Mista de Santana e, quando nas lições estudamos a lição «Na Casa do Gaiato» entusiasma-mo-nos com a Obra que até ali desconhecíamos. Resolvemos desde aquela altura juntar todos os tostões que conseguíssemos, para os enviarmos para a Casa do Gaiato destinados aos «Batatas» a quem achamos muita graça. Se não tivessem proibido os peditórios nas Escolas, tenho a certeza que mandaríamos mais; assim, só arranjamos 300 tostões. É muito pouquinho mas nós gostamos muito dos «Batatas».

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Já têm chegado algumas roupas, e que muito temos a agradecer aos nossos amigos que no-las enviaram, mas é preciso mais pois somos perto de 200 rapazes... e de todas as medidas...

Tenho a certeza que os senhores vão animar, porque está a chegar o frio!

—Agora vimos agradecer ao nosso SPORTING, o maior clube português de sempre,—que eu fui ver jogar às Antas, em que perdeu por 1-0, mas que deu uma lição de futebol,—o envio de uma bola que aqui atrasado pedimos.

Ainda não a recebemos mas enviaram-nos um postal que falava assim:

«Rapazes Sportinguistas:

Está em poder dum director, o Senhor Manuel da Silva, a bola que o SPORTING vos oferece.

Não sei quando aí chegará mas estou contente por a vossa vontade ser satisfeita e só desejo que seja o mais breve possível.

Ilida Bordallo.

—No princípio do mês corrente, foi a vindima que decorreu com grande animação. Durou três dias e meio e encheram-se dois lagares.

Mal saídos da mesa, começou a vindima e os rapazes passavam à porta das oficinas e de rmitórios, de tudo se serviam para levarem as uvas para os seus trabalhos, onde se regalavam durante o dia. Os das casas, era nos apanhadores; os impressores da nossa tipografia nos baldes; os da composição nas «galés» e os do Seiquim nas padiolas.

Isto é a Casa do Gaiato!

—Já começaram as escolas e com elas a alegria dos analfabetos.

—Caros amigos, a nossa conferência continua por baixo. Têm vindo poucos donativos e o déficit aumenta. Agora é de cinco contos e tal.

As esmolas não se diminuem, são sempre as mesmas, porque confiamos no coração dos nossos amigos.

—Tenho também a agradecer ao nosso assinante número 125 os selos que me enviou.

Muito tenho a agradecer também ao Senhor da Direcção dos Serviços de Angola, da cidade de Luanda, que me enviou uns selos muito bonitos de animais, peixes e aves.

—O nosso grupo cénico está trabalhando para que tenhamos bons espectáculos no dia de aniversário do Pai Américo, no Natal, Ano Novo, Carnaval, etc..

O ensaiador é o Senhor Padre Almeida, que veio para cá enquanto o Senhor Engenheiro Carlos Galamba não o ordenado.

—Por último, quero agradecer aos seminaristas Srs. Sobral e Baptista, os cumprimentos que me têm enviado e que retribuo.

Daniel Borges da Silva

TOTAL O Risonho da venda do Jornal teve uma surpresa. Como ele vai vender o Jornal à companhia dos C. T. T., uma vez perguntaram-lhe se ele já tinha o exame do 2.º grau, e ele disse:

—Tenho sim senhor.

Depois deram-lhe uma caneta de tinta permanente com o nome dele gravado. Foi a despedida, porque pouco depois foi para o Lar, onde está já empregado.

— Já abrimos as escolas. Estão matriculados mais de 100 rapazes nas duas aulas. Não há carteiras que cheguem. Nós alunos, pedimos aos caríssimos leitores que nos mandem alguns livros, porque nós necessitamos muito deles e de cadernos de escrita. Este ano ao principirmos as nossas escolas, foi preciso andar à procura de cadernos que não estavam acabados. Os que vão para o primeiro ano da escola comercial também não têm livros. Pois peço que nos ajudem e desde já ficamos muito gratos.

— Já regressou ao Seminário o Sr. Engenheiro. Logo no dia 4 de Outubro, recebeu a ordem de Diácono, por isso já pode dar a comunhão, baptizar e pregar. Quem o quiser ouvir pode ligar aos domingos para a Emissora à hora da missa radiodifundida. Ele ou canta o Evangelho ou explica a missa.

Estou a ficar contente porque o nosso pedido, do Natal para os pobres da nossa Conferência, está a ser ouvido. Ontem recebi 100\$ de visitas e o *Corre Mundo* trouxe também 300\$. Ninguém se arrependa porque os pobres precisam sempre de ajudas.

Vou contar a situação em que se encontra um dos da nossa Conferência.

Já aqui disse a vida dele. Agora com a chuva destes dias, tudo piorou: vive numa barraca, onde dorme no chão, em cima de uma serapilheira, não tem que vestir.

Se ele tivesse mais junto de nós, arranjávamos uma casa do Património para ele, como as que já aqui temos. Mas onde ele mora é daqui

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

a três éguas, não há pároco, por isso pouco podemos fazer. Pedimos aos nossos leitores que nos mandem muitas roupas usadas.

Deus fará bem, a quem bem faz.

LAR DO PORTO Reina grande entusiasmo nos corações dos rapazes do nosso lar. Todos sentimos no nosso íntimo vontade de agradecer mas duma maneira especial, pelos grandes ensinamentos do Sr. Padre Francisco, que tem sido muito instrutivo nas suas palestras.

Contou-nos casos importantes passados antigamente na sua juventude. Falou-nos da utilidade do corpo humano. Vou dizer tudo: fizemos um retiro.

Também tivemos entre nós o Sr. Engenheiro Galamba, outro pai em breve, que nos deu também algumas lições de moral.

Falou-nos das partes principais da missa e do Corpo Místico de Cristo.

—O Presidente voltou para o nosso lar. Ele esteve durante uns meses em Paço de Sousa, enquanto não atingiu o grau máximo de bom comportamento. Ele está muito contente por em breve tomar conta dum emprego.

Agora já se vê o Presidente de fato, gravata e sapatos a espelhar.

—Durante o mês corrente graças a Deus já recebemos algumas coisas e que comunico aos nossos amigos. Da Junta Nacional das Frutas, recebemos 100 quilos de bananas.

No mesmo dia o Carlos Nácio atendeu um telefonema de Campanhã, para recebimento de 30 quilos de carne que a polícia designou mandar-nos.

A todos os nossos agradecimentos.

Manuel Henrique (Hélito)

PATRIMÓNIO DOS POBRES—Cont. da 1.ª página e habitadas.

Chamam-se elas Casa do Xai-Xai, Casa de Inhambane, Casa do Luabo; e as três africanas, como os nomes dizem. E também temos ali a casa Amélia Leão Cunha, que é do Porto. Foi esta a primeira casa que nos ofereceram. Ela tem o número um no nosso livro de entradas. Ou não fosse do Porto!

OS DIREITOS DA CRIANÇA—Cont. da 1.ª página

lotada. Mais lares sim. Acumular não.

E lá vão eles porta em fora tristes e indecisos. Os nossos campos, as nossas aves, as nossas flores, o seu mundo! E eles vão! Hoje um. No fim do mês um ror. No fim do ano, legiões. Eu fico de longe até os perder de vista, perguntando a mim mesmo onde e o que vai fazer *aquele homem!* Estrmecem os quatro pontos cardeais—e tu não! Parece que nos contentamos com a teoria dos *Direitos da Criança*, ainda há dias proclamada bem alto num congresso. E são teorias! Na prática é tudo às avessas.

Notícias da Conferência da Nossa Aldela

Para abater o déficit dos cinco contos o correio trouxe-nos 50\$00 de Nova Lisboa — Angola. E outro tanto da assinante 17022. Da capital 400\$. Mais da capital 20\$. Laura Costa do Porto com igual quantia. Envendos, na mesma. Valongo, também. E outro tanto de um anónimo de algures. Minucha e três priminhos 50\$. Vergada Argoncilho, com 50\$. E temos novamente a Minucha e os três priminhos na vanguarda, com mais 50\$. São estes meninos que não-de resolver, amanhã a angustiosa, a amargurada vida dos Pobres. Rapazes de hoje—homens de amanhã. Uma carta trazia 100\$ e pede que o Pobre

A GORA

Hoje vai ser um sermão. Já há muito que não era. Parece que nunca foi, nesta procissão do *Agora*. Vai ser. Muita atenção.

Um padre da rua falou de ratos à hora da Santa Missa, numa igreja da Costa do Sol, à multidão de fiéis. Pregou os ratos! Disse que numa barraca aonde dormem cinco filhos e os pais, estes vigiam e revezam-se em defesa dos inocentes. Tantos são os ratos e eles tão pobres, que nem sequer podem obter um raticida! Vigiam. Um cansado, vai o outro. Com quanta força não amam estes pais os seus queridos filhos! Quanto lhes não dariam, se, para os livrar de perigos, dão as suas horas de repouso!

Se para pregar este grande amor paternal é preciso passar por cima de ratos, fale se deles nos altares à estação da Missa. Outros *padres da rua*, com inteiro conhecimento de causa, poderiam trazer casos semelhantes à tona; e eu não vejo que os altares não sejam o *sitio* nem a assistência os *ouvintes*. Como há-de o Mundo condoer-se das angustias do Pobre se não se quem as pregue? Quem há-de abrir corações fechados, semear afectos, plantar e cultivar resolções, levar almas a meditar,—quem, se vamos aceitar a doutrina falsa que ensina a esconder o estado do Pobre e condições do Miserável?

O resultado imediato daquela pregação, foi um senhor que se adianta e faz entrega de uma casa ao pároco da freguesia. Outros da assistência, tocados pelo que ouviram, deixam cair consideráveis somas na saca. E o que ficou e anda nas almas, é um segredo de Deus!

Por outras razões, com outros fins, não. Não senhor. Mas por amor do Pobre, levemos sim ao altar a sua vida crucificada. Façamos dela o objecto da nossa catequese. Explicitamente, não podemos dizer que sim; Deus não costuma falar aos mortais; mas implicitamente Ele sublinha e subscrive. Ai estão as obras dos *padres da rua* cheias de verdade, resplandecentes de luz abertas a todo o homem de boa vontade. E vê-las. E senti-las. Elas são o primado, a excelência do próprio Deus!

Falando assim com respeito e simplicidade à porta dos Sacrácticos, temos necessariamente de comover e convencer. Porquê? Por causa da presença de Jesus. Ele dá-nos a palavra e a mão e a força. Dizendo dos Pobres, dizemos do próprio Jesus!

Quem não há-de falar!

Esta nossa maneira de anunciar é a única adequada ao bem dos indigentes, porque totalmente cristã. A maior parte dos católicos, quando lhes cheira a pobres, tratam de fazer uma grande festa aonde não falta nada... para que tudo falte na casa do Pobre! Este é o cattaz. Não está no coração nem na inteligência dos festeiros. São os sentidos por onde se peca, agravados com o rótulo de um socorro mentiroso. A tómbola. O caldo verde. O arraial.

que beneficie reze ao Santo Padre Cruz, pela obtenção duma graça. Assina—*Um Pai*. É um Pai cristão. Aires Mousinho, de Coruteva—Angola, recebemos 100\$ para pagamento das suas cotas de subscritor, ainda que longe, muito longe de todos nós. A caridade aproxima os corações! JULIO MENDES